

## **ESTÁGIO CURRICULAR SUPERVISIONADO EM GEOGRAFIA NO INSTITUTO CEARENSE DE EDUCAÇÃO DE SURDOS**

**Maria Michele da Costa Soares**

[mixellysoares@outlook.com](mailto:mixellysoares@outlook.com)<sup>1</sup>

**Felipe Júlio Soares**

[felipe386123@gmail.com](mailto:felipe386123@gmail.com)<sup>2</sup>

### **Resumo**

*O presente artigo relata as experiências desenvolvidas no estágio curricular supervisionado no Instituto Cearense de Educação de Surdos (ICES) no segundo semestre de 2018. A experiência nos proporcionou momentos de aprendizagem e sensibilização quanto ao ensino inclusivo. As atividades do estágio foram divididas entre a observação das aulas, participação na discussão do conteúdo, construção de recursos didáticos para serem utilizados nas aulas, participação em outras atividades de mobilização política realizadas no instituto e aplicação de uma intervenção com uma das turmas acompanhadas, em que trabalhamos com o tema de geomorfologia, e, para isso, procedimentos metodológicos que aumentam a realidade, tais como uma maquete de curva de nível e um aplicativo do celular que projeta imagens sobre curvas de nível, com o objetivo de facilitar o ensino e instigar a curiosidade dos alunos. Entendemos que a vivência proporcionada pelo estágio, se faz de extrema importância no processo de formação, e em relação ao estágio curricular supervisionado II, que trabalha com o ensino diferenciado, isso se torna bem mais forte, pois temos a possibilidade de viver e conhecer diversas realidades no mundo da educação, nos sensibilizando e instigando a ter novos olhares para minorias que muitas vezes sofrem com o preconceito e estereótipos criados pela sociedade.*

**Palavras-chave:** Educação inclusiva, práticas pedagógicas, recursos imagéticos.

### **Introdução**

A educação, um dos pilares na construção, consolidação e planejamento de um país, é um tema que está sempre em voga nas discussões políticas, econômicas e sociais. O idioma oficial do país, o Português, tem uma longa história de adaptação e de localização em diferentes espaços do globo, fruto da colonização no século XV em diante, suas bases estruturais elucidam

---

<sup>1</sup>Graduanda em Geografia pela Universidade Federal do Ceará; bolsista do programa institucional de bolsas de iniciação científica.

<sup>2</sup>Graduando em Geografia pela Universidade Federal do Ceará.



a importância do dialeto e da língua (mesmo as não oficiais), na constituição, e através da educação (mais especificamente do ensino) é transmitida e difundida pelos habitantes dos países que falam essa língua. Contudo, além do Português, muitas outras línguas, dialetos e regionalizações provindas das diferentes regiões do território somam a riqueza linguística e elaboram um quadro extremamente plural. Porém, nenhuma delas é compreendida enquanto língua oficial do país, a âmbito e reconhecimento nacional, exceto a linguagem de sinais, a Libras.

Ela se configura como a segunda língua, ou linguagem, oficial do Brasil, sendo muito difundida e reconhecida. Nessa perspectiva, observamos a relevância que a mesma tem, já que para ser reconhecida enquanto língua oficial, necessitou que uma grande e forte luta popular da comunidade surda no país para que chegasse até o poder público, e devido a esse esforço, o surdo ganhou mais direitos e muitos vivem uma vida normal, conduzindo suas vidas sem tantas barreiras. Para Strobel (2008, p. 24), a “cultura surda é o jeito de o sujeito surdo entender o mundo e de modificá-lo a fim de torná-lo acessível e habitável, ajustando-o com suas percepções visuais, que contribuem para a definição das identidades surdas”. Entretanto, muito ainda precisa ser melhorado e desenvolvido para que essa comunidade possa se integrar efetivamente à sociedade, e um dos meios é através da educação. (QUADROS, 2010; BOTELHO, 2018)

O ICES em Fortaleza – CE é uma instituição referência no Norte e Nordeste que faz uso da linguagem de sinais para a alfabetização e ensino de deficientes auditivos nos mais variados graus. O instituto já é antigo e o segundo no Brasil voltado a essa educação diferenciada, promovendo a igualdade e a equidade para a comunidade surda dentro de uma sociedade tão desigual como a fortalezense. Anterior a ela, somente o Instituto do Rio de Janeiro, desde a época do Império.

A metodologia utilizada para as visitas, pesquisa sobre o instituto e preparação para a intervenção provém das aulas da disciplina de Estágio Curricular Supervisionado em Geografia II, diálogos com a professora supervisora de Geografia, e a leitura de artigos científicos voltados para essa área. Nesse sentido, foi de expressiva importância a vivência com os alunos, de forma que esse contato propiciou novas experiências e saberes por parte da dupla de estagiários. Dessa maneira, compreendendo a complexidade dessa modalidade de ensino, fez-se necessário que

ambos aprendessem o básico da comunicação em Libras, de forma a não ficarem alheios perante as turmas analisadas. A presença de Intérpretes nas aulas, bem como o apoio da professora também se provaram significativos na construção desse conhecimento.

### **Instituto Cearense de Educação de Surdos- ICES**

O instituto, segundo o Governo do Estado do Ceará, tem aproximadamente 57 anos e está localizado na Avenida Rui Barbosa, no Bairro Aldeota, na cidade de Fortaleza. Foi fundado no dia 25 de Março de 1961 e, conforme o contexto histórico daquele momento, a instituição adotava uma abordagem de ensino oralista, que propõe o ensino da língua oral para que o surdo se integre ao mundo ouvinte, considerando o ensino da fala como essencial. Atualmente, de acordo com o Plano Político Pedagógico (PPP) do instituto, considera-se que isso não corresponde às condições ideais para que o surdo adquira linguagem e forme o pensamento, tendo em vista que Libras se instituiu como a segunda língua oficial do Brasil, então, as formas de ensino foram se modelando de acordo com as conquistas alcançadas pelo público surdo.

A grade curricular e a carga horária são as mesmas do ensino regular da rede estadual, tendo como diferencial a disciplina de Libras, que está presente em todas as turmas da escola com carga horária semanal de 4 horas aula e é ministrada por professores surdos. O ICES é a única instituição pública estadual destinada exclusivamente à Educação dos Surdos, conta com turmas do ensino fundamental nas séries finais, ensino médio e também o Ensino de Jovens e Adultos (EJA). Além dela, bem próximas à localização do instituto, outras entidades públicas, privadas e filantrópicas atuam no sentido de integrar a linguagem de sinais no currículo de seus alunos.

### **As aulas**

Começaremos explicando como se dá a entrada dos professores no instituto, passando pelos alunos, as aulas e, por fim, como são aplicadas as provas. A entrada dos professores no instituto se dá por meio de concurso público, entretanto, é cobrada uma carga horária de no mínimo 360h de um curso de Libras, pois devem ser fluentes na língua. Há uma evidente distorção entre idade e série, uma vez que acontece de as famílias atrasarem a matrícula dos filhos, o que acaba prejudicando a adesão da Libras, pelo simples fato de começarem a ter a aula de libras tardiamente. Os alunos são de diversas partes de Fortaleza, desde a cidade até a sua região metropolitana. De



uma certa forma, a distância dificulta o acesso à escola e, conseqüentemente, à educação diferenciada. A grade curricular das disciplinas segue com todas as disciplinas comuns, mas com a adesão da disciplina de Libras, que vai desde o ensino fundamental ao ensino médio. Quanto às aulas, são bem produtivas, quando bem pensadas e organizadas, pois um detalhe importante que deve ser enaltecido é que os alunos captam mais facilmente o conteúdo quando o professor leva algum recurso que o auxilie didaticamente, já que um dos principais problemas notados sobre as disciplinas é que os alunos têm muita dificuldade em Português e, principalmente, no que se refere à produção de texto, pois notou-se que os verbos de conexão não são muito utilizados na construção das frases, o que reflete diretamente na escrita e na interpretação de textos e frases longas. As aulas de Geografia são bem didáticas, pois a professora sempre leva algum material novo, explorando bem os recursos visuais, que ajudam os alunos a interagirem melhor com as aulas e com os conteúdos.

Uma situação rotineira é a atuação dos intérpretes durante a explicação dos conteúdos, pois eles são especializados na área de cada disciplina, quer dizer, conhecem os sinais específicos das palavras que são exclusivas de cada área, para que eles auxiliem nas aulas, basta chamá-los, entretanto, eles também são responsáveis pela comunicação com todo o público em geral, como a imprensa e outras instituições, o que faz com que nem sempre eles estejam disponíveis de imediato.

Assim como as aulas, as provas são adaptadas para a melhor compreensão dos alunos, os intérpretes começam a gravar as provas um ou dois meses antes para que na semana de provas cada aluno receba um notebook e faça sua prova. Como se pode ver na imagem abaixo, nós tivemos a oportunidade de acompanhar um dia de aplicação de prova na turma do segundo ano, no dia, estava sendo aplicada a prova de Linguagens. As questões são gravadas e os alunos devem **Figura de Aluno da 2ª ano respondendo a prova de Português.** a interpretação textual deles é baixa, então, fica mais fácil com a prova em vídeo, cada computador tem uma pasta que contém uma senha, e essa senha só é liberada na hora da prova, para que sejam desbloqueadas as questões equivalentes à área específica do dia. Logo após o término da prova, os computadores são devolvidos e as baterias são recarregadas para as provas do próximo turno.



Foto: Michele Soares (2018)

Ao falarmos em provas, devemos destacar a participação dos alunos no Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM). Este foi o segundo ano em que os alunos puderam contar com uma prova adaptada e com a presença de intérpretes no momento da prova. Os alunos de ensino médio do ICES participaram de aulas especiais voltadas para o ENEM, na semana que antecedeu a prova, eles participaram de aulões, que começaram na terça e foram até a sexta, nessas aulas extras, além dos conteúdos que eles precisavam estudar, também foi um momento de motivação e de aproximação com os sinônimos que são usados mais nacionalmente, pois um dos grandes problemas que aconteceu no ano de 2017, foi a utilização dos sinais que não eram conhecidos, porque cada região adota sinais, muitas vezes, bem específicos dificultando um “padronização”.

### **A intervenção**

A proposta do Estágio Supervisionado, além da observação na escola, dos métodos do professor, das relações interpessoais dos alunos, da dinâmica da gestão escolar, e das diferentes interfaces que a escola produz, é a de realizar uma intervenção, uma aula que agregue e auxilie os alunos de uma forma lúdica, interessante e relevante em seus processos educacionais. Nesse



sentido, conversando com a professora supervisora, e acompanhando os conteúdos dados em sala de aula, uma intervenção para os alunos do 1º ano B, da turma da tarde, do ICES foi pensada, avaliada, e posta em prática.

A perspectiva da construção de uma intervenção nas turmas acompanhadas foi apresentada à professora supervisora. Com a elaboração do plano de aula, metodologias alternativas de ensino voltadas ao aprendizado dos alunos surdos foram implementadas. Seguindo o conteúdo curricular, foi decidido que trabalharíamos os aspectos físicos geográficos, com o recorte espacial voltado para o Ceará. Dessa forma, a caracterização natural do estado seria apresentada e os alunos conheceriam mais sobre seu estado e local de morada.

Após a sondagem dos conteúdos, com base no livro didático adotado pela escola para os alunos, a temática acerca da Geologia e Geomorfologia do Ceará foi proposta pela professora, visto que essas bases naturais não haviam sido trabalhadas com os estudantes, e também que a Geografia Física se torna mais atrativa que a Humana dada sua possibilidade de relacionar o aspecto observado com o vivido. Gonçalves e Festa (2013) retratam a importância do domínio dos conteúdos trabalhados e da metodologia empregada para que o aprendizado de alunos surdos seja mais significativo.

É necessário que os professores e/ou profissionais de educação tenham compreensão do que estão tratando e sobre o que estão falando, para que se tenha uma efetiva inclusão destes alunos Surdos em uma turma de ensino regular. Devendo ser levado em conta que as experiências visuais dos alunos Surdos não são as mesmas dos ouvintes, uma vez que os alunos Surdos privilegiam mais o canal visual e os alunos ouvintes o auditivo. (Gonçalves e Festa. 2013, pág.5 )

Levamos amostras de rochas, para que através da textura, cor, e peso, os alunos pudessem discernir os três tipos de rochas, também levamos uma maquete de curva de nível da Gruta dos Brejões-BA, bem como utilizamos um software de realidade aumentada, o Landscape AR, última versão de 2018, que reproduz a realidade das paisagens fazendo leitura de curvas de nível. Com isso, proporcionamos processos metodológicos de ensino, tanto visuais quanto táteis, aos alunos do ICES, para que o contato como palpável pudesse facilitar uma melhor compreensão e fixação do conteúdo. Dessa maneira, a intervenção sobre o tema: “Aspectos Naturais do Ceará” serviu para aproximar os alunos de conceitos de Geomorfologia, como por exemplo, curva de nível, rochas permeáveis e cristalinas, dentre outros que fazem parte de um conteúdo mais geral da geografia física.

Inicialmente, uma sondagem dos conteúdos a serem ministrados foi realizada e a escolha sobre a formação geológica e geomorfológica do Estado do Ceará foi proposta pela professora, visto que os alunos têm um interesse maior pela parte física da Geografia e, seguindo a grade curricular de conteúdos, essas questões seriam abordadas no decorrer do bimestre. Na segunda fase, materiais foram avaliados, como amostras de rochas sedimentar e metamórficas, e conteúdos foram revisitados, de forma a embasar a aula da melhor maneira possível, posteriormente, montamos o slide e selecionamos a maquete que poderia facilitar ainda mais a discussão do tema. Muitas são as metodologias passíveis de serem utilizadas no ensino da geografia física, na intervenção, após uma breve pesquisa, foi optado pela presença de amostras de rochas para o contato com o substrato, maquetes para a ilustração do relevo proveniente dos processos intempéricos nesse substrato, e o uso de um software digital de elevação, o Landscape Ar, para demonstrar o desenvolvimento desse relevo. Dessa forma, evidenciamos o processo de Gênese, desenvolvimento, e estágio atual do Ceará de uma forma geral.

A intervenção ocorreu junto com a presença de um intérprete de libras, visto que nós ainda não possuíamos conhecimento suficiente nessa linguagem para ministrarmos uma aula com tantos sinais diferentes. A presença docente foi de grande importância para que a atividade acontecesse de forma satisfatória. Nesse sentido, evidencia-se a presença e a importância do intérprete nas aulas, e como sua colaboração facilita na comunicação e no processo de ensino e aprendizagem. As imagens abaixo foram capturadas no dia da aplicação da intervenção que aconteceu na sala de vídeo, por ter um suporte técnico melhor.



Figura 2- Explicação do conteúdo.



Figura 3- Intérprete participando da aula.



Foto: Márcia Oliveira (2018)

A aula começou com exposição de slides, em que nós exploramos o conteúdo iniciando com o processo de formação da Terra e os diferentes tipos de rocha resultantes desse processo, nesse momento, passamos as amostras de rocha levadas, para que eles pudessem sentir e detectar as diferenças de cada uma delas, as amostras analisadas foram de um granito, um gnaíse e um arenito, posteriormente a isso trabalhamos com as diferentes paisagens do Brasil, e depois do Ceará, usando como exemplo Fortaleza e as serras úmidas como a serra de Baturité e da Meruoca, na tentativa fazer uma aproximação, partindo do geral para o específico. Na explicação das imagens pudemos conversar sobre o processo de formação delas, os alunos ficaram bem curiosos para saber de que lugares do Ceará eram as imagens e alguns relataram suas experiências nas cidades mencionadas, baseando-se no clima e no relevo.



Depois disso, para explicar as imagens, a gente fez o uso da maquete de curva de nível, em que eles puderam entender melhor o porquê de um ponto ser mais frio que o outro, a drenagem das águas e como um relevo é moldado com o passar do tempo, e apresentamos o software Landscape Ar para apresentar as curvas de nível e o que elas representam. Ao fazer a leitura das curvas, com a projeção 3D do aplicativo, os alunos ficaram encantados e logo entenderam a leitura. Muitos fizeram o download do aplicativo para mostrar a seus amigos e criar o seu próprio relevo, portanto, vê-se aí a eficácia de se utilizar dos aparelhos celulares na dinâmica da aula. Mesmo com todas as limitações da linguagem, a intervenção foi um sucesso, e as experiências obtidas por ela foram imprescindíveis no processo do estágio, tanto dos estagiários quanto dos alunos.

Outro ponto que merece ser mencionado é a importância das aulas de Geografia na construção do imaginário dos alunos, pois quando pensamos no espaço que nos rodeia, logo fazemos ligações visuais, de cheiros e de sons, então, qual a percepção e abstração de mundo criada por alguém que não pode escutar?

Foi possível perceber que os alunos surdos constroem suas percepções sociais assim como qualquer outra pessoa, pelos sentidos por eles mais aguçados como o olfato, a visão e o tato. Trabalhar com o palpável nos permitiu uma boa participação dos alunos, que se mostraram curiosos e instigados a participarem da aula, ao final da intervenção os alunos puderam avaliar a atividade e expressar a importância que eles viam em se trabalhar com metodologias como a que nós levamos, e muitos falaram que atividades como essa, para eles, são muito ricas, pois eles conseguiram captar tudo o que tinha sido passado. Eles gostaram bastante das amostras de rochas, pois conseguiram sentir as texturas e ver de perto os cristais, entendendo a sua distribuição e aliados com as informações passadas no momento da aula, eles identificaram qual rocha era sedimentar, qual era metamórfica, e assim em diante. Um outro recurso que chamou a atenção foi o aplicativo Landscape Ar, cujo objetivo é projetar imagens em 3D fazendo a leitura de curvas de nível.

### **Considerações finais**

O ensino diferenciado proporcionado pela disciplina de Estágio II foi para nós uma experiência muito enriquecedora, pois tivemos a oportunidade de conhecer a realidade dos alunos



e profissionais que resistem e que a cada dia lutam mais pelos seus direitos. Com certeza, passamos a ter uma visão diferente da comunidade surda e sobre as relações que foram estabelecidas com essas pessoas pela sociedade, sendo esta recheada de preconceitos e de uma visão limitada das possibilidades de liberdade que um surdo tem, afinal, são pessoas comuns que só querem ter espaço nessa sociedade tão excludente.

Mesmo com tantos percalços, a visibilidade para o público surdo tem ganhado mais espaço a cada dia. Ultimamente tem sido bem frequente a divulgação dessa modalidade de ensino e a sua importância para todo o país, na maneira que o surdo não precise sofrer para se encaixar em ambientes cheio de ouvintes, mas que os ouvintes estejam preparados para manter diálogo e uma relação fluida, sem preconceito e/ou estereótipos lançados sobre eles.

Nessa perspectiva, entendemos que o trabalho integrador do professor merece destaque. De sua maneira, consegue manter o diálogo com as mais diferentes pessoas, alunos com cargas, passados, experiências e sensações destoantes, e, mesmo com todas essas características diferentes, mediar um debate que instigue o desenvolvimento não apenas cognitivo, mas moral e social, sobretudo. Observamos através da ótica do professor, no ICES, ao avaliar o trabalho da professora supervisora, como seu trabalho é conduzido pela criatividade, ponte importante para construção do conhecimento.

A importância de um material didático que aproxime os alunos da realidade trabalhada é imprescindível, pois os alunos conseguem absorver muito mais rápido o conteúdo trabalhado, isso foi evidenciado durante todo o processo do estágio. Um exemplo disso foi a utilização de materiais didáticos como amostra de rochas e a maquete de curva de nível no dia da aula ministrada por nós estagiários. Mesmo sendo um conteúdo mais complicado, tivemos um retorno positivo por parte dos alunos, que, além de participarem bastante da aula, conseguiram compreender muita do assunto trabalhado. A professora também aprovou a proposta e acolheu as novas possibilidades levadas, assim, o estágio culminou com uma troca mútua de conhecimentos e experiências.

Para nós, foi uma experiência maravilhosa desde o contato com a escola e com a gestão até a possibilidade de participar de eventos e de mobilizações, além de fazer amigos. Esse vínculo criado nos remete a questão da amizade e relação de confiança, necessárias na vida escolar. Crescemos bastante com os percalços durante o estágio, mas também com os momentos positivos e de aprendizado, e levaremos esses conhecimentos ao exercermos a profissão de professor.



## Referências bibliográficas

BOTELHO, P. **Linguagem e Letramento na Educação dos Surdos**: ideologias e práticas pedagógicas. Belo Horizonte: Autêntica, 2018.

GESSER, A. **LIBRAS?** Que língua é essa? Crenças e preconceitos em torno da língua de sinais e da realidade surda. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

QUADROS, R. M. de. **Educação de surdos**: a aquisição da linguagem. Porto Alegre: Artes Médicas, 2010.

STROBEL, K. **As imagens do outro sobre a cultura surda**. Florianópolis: Ed. UFSC, 2008.

ALMEIDA, Jacqueline Praxedes; ROCHA, Silva Illana; PEIXOTO, Sara Alcântara. Uma reflexão a cerca do ensino de geografia e da inclusão de alunos em classes regulares. **Revista Brasileira de Educação em Geográfica**. Campinas, v. 3, n. 5, p. 98-118, jan./jun., 2013. Disponível em <<http://www.revistaedugeo.com.br/ojs/index.php/revistaedugeo/article/view/113>>. Acesso em 28 Setembro 2018.

ARAÚJO, Tiago Salge; FREITAS, Maria Isabel C. A cartografia nos estudos do meio ambiente: por uma prática bilingue visando a inclusão dos alunos surdos. **Geografia Ensino & Pesquisa**, v. 15, n.3, set./dez. 2011. Disponível em <<https://periodicos.ufsm.br/geografia/article/view/7354/4393>>. Acesso em 28 Setembro 2018.

FERNANDES, Volnei Jean. Inclusão: ensino de Geografia para alunos surdos, com um olhar sobre a paisagem a partir de uma visão freireana. **Geografia, Ensino & Pesquisa**. Vol. 20 (2016), n.3, p. 107-114. Disponível em <<https://periodicos.ufsm.br/geografia/article/view/21068/pdf>> . Acesso em 28 Setembro 2018.

GONÇALVES, Humberto Bueno; FESTA, Priscila Soares Vidal. Metodologia do professor no ensino de alunos surdos. **Ensaio Pedagógico**: Revista eletrônica do Curso de Pedagogia, Curitiba, v. 2, n. 2, p.1-13, dez. 2013. Semestral.